



Gênero, cultura e subjetividade na manifestação do autismo

Gender, culture, and subjectivity in the manifestation of autism

Género, cultura y subjetividad en la manifestación del autismo

ORRÚ, Sílvia Ester. **O autismo em meninas e mulheres: diferença e interseccionalidade**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2024. 220 p. ISBN: 978-85-326-6763-2.

Fábio Luiz Nunes¹

RESUMO:

A análise da obra *O autismo em meninas e mulheres: diferença e interseccionalidade* (editora Vozes, 2024), de Sílvia Ester Orrú, parte do problema da manifestação do transtorno do espectro autista (TEA) no gênero feminino, com frequência subdiagnosticada em decorrência de critérios historicamente enviesados por um modelo masculino. A autora, uma pesquisadora da área de educação, desconstrói progressivamente os saberes sobre a condição, partindo da origem do termo e passando pela superação de dicotomias, como o debate entre os discursos da psicogênese e do organicismo. São investigadas as particularidades cognitivas e sociais de meninas e mulheres no espectro, com atenção a temas como a camuflagem social, o esgotamento autista, a sensibilidade sensorial e o hiperfoco. A resenha identifica como limitação a fundamentação teórica psicodinâmica do livro, que pode limitar o diálogo com a ciência que valoriza abordagens com validação empírica. Mesmo assim, o trabalho é reconhecido como uma contribuição substancial aos estudos brasileiros sobre a neurodiversidade.

Palavras-chave: Transtorno autístico. Perspectiva de gênero. Saúde da mulher.

ABSTRACT:

The review of the Brazilian work *O autismo em meninas e mulheres: diferença e interseccionalidade* (Vozes, 2024), by Sílvia Ester Orrú, begins from the challenge of how autism spectrum disorder (ASD) manifests in the female gender, often underdiagnosed due to historically biased criteria rooted in a male-centric model. The author, a researcher in the field of education, progressively deconstructs existing knowledge about the condition, starting with the etymology of the term and moving through the overcoming of dichotomies such as the debate between psychogenesis and organicism. The cognitive and social particularities of girls and women on the spectrum are investigated, with attention given to topics such as social camouflaging, autistic burnout, sensory sensitivity, and hyperfocus. This review identifies a limitation in the book's psychodynamic theoretical foundation, which may restrict its dialogue with sciences that prioritize approaches validated by empirical evidence. Nevertheless, the work is acknowledged as a substantial contribution to Brazilian studies on neurodiversity.

¹ Mestre e doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Psicólogo pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais. Profissional técnico-administrativo no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). E-mail: fabio.nunes.fln@gmail.com.



Keywords: Autistic disorder. Gender perspective. Women's health.

RESUMEN:

La reseña de la obra brasileña *O autismo em meninas e mulheres: diferença e interseccionalidade* (editorial Vozes, 2024), de Sílvia Ester Orrú, comienza abordando cómo se manifiesta el Trastorno del Espectro Autista (TEA) en el género femenino, con frecuencia infradiagnosticado debido a criterios históricamente sesgados bajo un modelo masculino. La autora, investigadora en el ámbito educativo, deconstruye de manera progresiva el conocimiento sobre la condición, partiendo del origen del término y superando dicotomías como el debate entre psicogénesis y organicismo. Se exploran las particularidades cognitivas y sociales de niñas y mujeres en el espectro, con atención a temas como el camuflaje social, el agotamiento autista, la sensibilidad sensorial y el hiperfoco. Esta reseña identifica como limitación el sustento teórico psicodinámico del libro, que podría restringir su diálogo con ciencias que privilegian enfoques validados empíricamente. Aun así, la obra es reconocida como una contribución sustancial a los estudios brasileños sobre neurodiversidad.

Palabras-clave: Trastorno autístico. Perspectiva de género. Salud de la mujer.

O transtorno do espectro autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por uma complexa heterogeneidade fenotípica. Nesse contexto de diversidade, *O autismo em meninas e mulheres: diferença e interseccionalidade* (editora Vozes, 2024), de autoria de Sílvia Ester Orrú, aparece como mais um instrumento para a compreensão desse fenômeno, sob a lente de um sujeito vivendo na atipicidade da condição. A publicação debruça-se sobre a manifestação particular do TEA no gênero feminino, que é com frequência subdiagnosticada ou diagnosticada tardiamente em decorrência de critérios nosográficos historicamente enviesados por um modelo masculino. O estudo aprofunda a análise das particularidades cognitivas, sociais e comportamentais de meninas e mulheres no espectro, explorando a interatividade de fatores de ordem sociocultural, como gênero, cultura e expectativas sociais, que dão forma a suas experiências.

A autora da referida obra, Sílvia Orrú, é uma pesquisadora de notória trajetória acadêmica na área da educação especial e inclusiva. Professora vinculada à Universidade de Brasília, com doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Orrú consolidou sua carreira na intersecção entre neurociências, educação e os processos de aprendizagem e desenvolvimento de pessoas com deficiência. Sua produção científica, materializada em inúmeros artigos, livros e orientações, converge para o estudo do transtorno do espectro autista, com particular ênfase nas metodologias de mediação pedagógica, na neurodiversidade e, mais recentemente, nas especificidades de gênero. Atuando como coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Aprendizagem e Inclusão (LEPAI), a



autora da obra resenhada demonstra seu compromisso com a produção de conhecimento que descreve e transforma as práticas educativas e sociais, conferindo a sua análise sobre o autismo feminino uma autoridade na investigação teórica e autorrelatada.

Sílvia Orrú estrutura o texto de *O autismo em meninas e mulheres: diferença e interseccionalidade* em seções que desconstruem os saberes sobre a condição clínica de forma progressiva, desde a origem etimológica do termo até as complexidades contemporâneas da vivência autista. O percurso argumentativo examina as bases teóricas, as disputas paradigmáticas e as consequências socioculturais que são base para o entendimento atual do transtorno do espectro autista.

A primeira seção, *Só existe o que se nomeia*, dedica-se a uma arqueologia do vocábulo *autismo*. Orrú (2024) afirma que sua adoção inicial se dá pela psiquiatria, a partir dos trabalhos de E. Bleuler, como um sintoma da esquizofrenia. A análise detalha como a nomeação de um conjunto de comportamentos sob um único termo não apenas o classificou, mas o instituiu como uma entidade clínica passível de estudo e intervenção. A trajetória percorre as contribuições de pioneiros como L. Kanner e H. Asperger, apontando que os primeiros recortes diagnósticos já continham vieses de gênero, ao se basearem predominantemente em observações de meninos.

Na seção *Um trono à culpa*, a autora investiga a genealogia da responsabilização parental, notadamente materna, na etiologia do autismo. Orrú (2024) examina a hipótese da “mãe-geladeira”, popularizada por Bruno Bettelheim, mas cujas raízes são identificadas nas próprias ambiguidades dos textos de Kanner. A discussão expõe como essa linha de pensamento, que atribuiu o autismo a uma suposta frieza afetiva familiar, gerou um profundo estigma e sofrimento, cujos ecos persistem. Essa perspectiva histórica se alinha à observação de que os modelos diagnósticos foram construídos sobre estereótipos masculinos, resultando em uma subnotificação sistêmica de meninas.

A dificuldade em diagnosticar meninas é um desdobramento direto dessa herança conceitual. Gould (2017), a esse respeito, afirma que a apresentação do autismo em meninas frequentemente envolve mecanismos de camuflagem ou mascaramento social, tornando os desafios menos evidentes para observadores não treinados. As meninas no espectro podem despender um esforço cognitivo considerável para mimetizar o comportamento de suas pares neurotípicas, o que oculta suas dificuldades, mas não as elimina, tornando-as mais vulneráveis e com menor probabilidade de receber intervenções adequadas.



Rynkiewicz, Janas-Kozik e Słopień (2018) aprofundam-se nessa problemática, sobre a qual apontam a inadequação dos instrumentos diagnósticos padronizados, desenvolvidos a partir de amostras majoritariamente masculinas. Tais ferramentas mostram-se insensíveis para capturar o fenótipo autista feminino, o qual pode incluir um desejo mais forte por socialização, interesses especiais considerados mais comuns para o gênero (como literatura, animais ou psicologia) e comportamentos restritos e repetitivos mais sutis. Essa falha instrumental permite que meninas “escapem pela rede diagnóstica”, resultando em diagnósticos tardios ou equivocados.

Já a seção *Isto COM aquilo* aborda a polarização histórica que marcou o campo do autismo. Orrú (2024) critica as disputas dicotômicas, como o debate entre as correntes psicogenética e organicista, que buscaram estabelecer uma causa única e excludente para o transtorno. A autora propõe uma superação dessa lógica binária (“isto OU aquilo”) em favor de uma compreensão integradora (“isto COM aquilo”), que reconhece a multifatorialidade do autismo. Nessa perspectiva, fatores genéticos, biológicos, psíquicos e ambientais interagem de forma complexa, produzindo a diversidade de manifestações observada no espectro.

Em *Vozes nos entretons*, Orrú (2024) aborda a heterogeneidade das experiências autistas. O termo *entretons* é utilizado para designar as múltiplas nuances e singularidades que caracterizam cada indivíduo no espectro, rejeitando uma visão monolítica da condição. A autora apresenta o autismo não como uma categoria fixa, mas como uma vivência plural, que se manifesta em diferentes níveis de suporte, habilidades e desafios. Tal diversidade exige, na perspectiva da autora, uma abordagem clínica e educacional individualizada, que valorize as potencialidades e acolha as dificuldades de cada pessoa.

A seção final, que dá nome ao livro, *O autismo em meninas e mulheres*, sintetiza as discussões anteriores pois foca nas interseccionalidades de gênero. Orrú (2024) argumenta que a experiência de uma menina ou de uma mulher no espectro não se resume à mera soma do autismo com a identidade feminina, posto que é uma vivência qualitativamente distinta. As pressões sociais de gênero, as expectativas de comportamento e a própria natureza das interações sociais femininas configuram uma forma particular de manifestação do autismo e de seus mecanismos de enfrentamento, como a já mencionada camuflagem.

As consequências dessa interseção são significativas, o que inclui uma maior prevalência de comorbidades como ansiedade, depressão e transtornos alimentares, achados documentados por diferentes estudiosos, a exemplo de Rynkiewicz, Janas-Kozik e Słopień (2018). Além disso, é preciso salientar a necessidade de um “currículo social” específico para



meninas no espectro que possa reconhecer as dificuldades particulares que elas enfrentam no domínio social (Gould, 2017). Orrú (2024) conecta esses achados a sua proposição central: a invisibilidade histórica das meninas no campo do autismo é um problema científico e, acima de tudo, ético-político, que requer uma revisão profunda das práticas diagnósticas e terapêuticas.

Na seção *Autismo não tem sexo*, Orrú (2024) postula que a construção do conhecimento sobre o autismo foi historicamente fundamentada em pesquisas e observações de indivíduos do gênero masculino. Tal abordagem resultou em uma negligência considerável acerca das singularidades próprias das meninas e mulheres, cujas manifestações podem divergir do fenótipo classicamente descrito. A autora critica a generalização de achados de pesquisas centradas em homens para toda a população autista, o que perpetua vieses diagnósticos e de compreensão.

Dentro dessa mesma discussão, analisa-se criticamente a teoria paracientífica do *cérebro masculino extremo* de S. Baron-Cohen, que associa o autismo a uma elevada capacidade de sistematização e a uma baixa capacidade de empatia. A obra aponta que tal modelo teórico tende a subsumir a experiência feminina, tratando-a como uma variação do padrão masculino, no lugar de reconhecer suas características próprias. Orrú (2024) entende que essa abordagem dicotômica falha em abarcar a complexidade das mulheres autistas, que podem apresentar perfis cognitivos e sociais distintos, incluindo a coexistência de empatia e capacidade de sistematização.

Ao tratar do *Diagnóstico e prevalência do autismo em meninas e mulheres*, Orrú (2024) desenvolve um panorama histórico e estatístico que denuncia as disparidades de gênero no acesso ao diagnóstico. A autora discorre sobre como a prevalência, antes estimada em uma proporção de quatro homens para cada mulher, tem se modificado com o avanço da conscientização e a revisão dos critérios. O subdiagnóstico, todavia, mantém-se como um desafio, uma vez que as ferramentas diagnósticas tradicionais, a exemplo do Autism Diagnostic Observation Schedule (ADOS), foram desenvolvidas com base em amostras majoritariamente masculinas e podem não ser sensíveis às manifestações femininas do autismo. Corroborando essa análise, Layna *et al.* (2021) apontam que um viés estrutural na prática profissional e a falta de sensibilidade dos instrumentos são barreiras significativas para a identificação correta em meninas e mulheres.

Orrú (2024) propõe, na seção *Hiperfoco como potência*, uma ressignificação do que é comumente visto como um comportamento restrito e repetitivo. A autora o descreve não



como um déficit, senão uma qualidade que se manifesta como uma atividade mental intensa e uma capacidade de concentração profunda em temas de interesse. Essa característica, afirma a obra, favorece o aprendizado, o domínio de conhecimentos específicos e o desenvolvimento da criatividade e da autonomia, podendo constituir um diferencial positivo em contextos acadêmicos e profissionais.

O hiperfoco é, de acordo com o texto, um elemento importante para a aprendizagem e a constituição da memória em muitas pessoas com autismo. A obra aponta que essa intensa conexão com interesses exclusivos pode resultar em uma memória de longo prazo singularmente rica em detalhes, por vezes comparada à memória fotográfica. A compreensão literal, outra característica abordada, é apresentada como um fator que impacta as interações sociais e o processo de aprendizagem, sendo mais uma potência a ser explorada do que uma limitação a ser corrigida.

A *Sensibilidade sensorial* é examinada por Orrú (2024) como uma das singularidades mais marcantes do autismo, caracterizada por uma hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos auditivos, táteis, visuais, olfativos e de paladar. A autora explica que essa reatividade atípica a estímulos do ambiente pode gerar sobrecarga sensorial e emocional, desencadeando crises. O texto detalha como a desregulação sensorial afeta desde a alimentação até a tolerância a diferentes temperaturas e vestuários, impactando diretamente o bem-estar e a participação social.

As consequências da sobrecarga sensorial são aprofundadas com a descrição de fenômenos como o *meltdown* (uma crise externa de explosão emocional) e o *shutdown* (uma crise interna de desligamento). Orrú (2024) também introduz o conceito de *inércia autista* para descrever a dificuldade em iniciar, parar ou transicionar entre atividades. Essa análise é complementada pelas observações clínicas de Zener (2019), que descreve o *esgotamento autista* como o resultado cumulativo do estresse prolongado e do esforço para navegar em um mundo neurotípico, o que pode acarretar um quadro de exaustão física, mental e emocional e ao agravamento de comorbidades como ansiedade e depressão.

Na seção *Camuflagem e compensação*, Orrú (2024) aborda um dos principais fatores que contribuem para o subdiagnóstico em mulheres: a capacidade de mascarar as características autistas. A camuflagem é definida como um mecanismo de defesa e sobrevivência social, no qual a pessoa autista observa, imita e aplica comportamentos neurotípicos para se integrar socialmente e evitar o estigma. Essa performance social, embora possa ser eficaz a curto prazo, demanda um esforço cognitivo e emocional extenuante.



A prática da camuflagem social, segundo discute a pedagoga, é uma das razões pelas quais meninas e mulheres autistas são rotineiramente percebidas como tendo melhores habilidades sociais do que seus pares masculinos. Layna *et al.* (2021), a esse respeito, acreditam que a imitação social e o desenvolvimento de interesses considerados mais “funcionais” ou socialmente aceitáveis podem ser um obstáculo à identificação por parte de profissionais e familiares. Por sua vez, Zener (2019) lembra que esse “mascaramento” tem um custo elevado para a saúde mental, podendo levar a crises de identidade, ansiedade, depressão e a um profundo sentimento de alienação, uma vez que a pessoa sente que seu verdadeiro eu é inadequado e precisa ser ocultado.

O ensaio de Orrú (2024) segue com a seção *Esgotamento “autista” e seus impactos*, na qual a autora, aproximando-se de Zener (2019), conceitua o esgotamento como uma condição de exaustão emocional, física e cognitiva decorrente do esforço contínuo de mascaramento e da sobrecarga sensorial. A pedagoga apresenta-o como uma “doença secreta”, caracterizada por sintomas internalizantes como depressão e ansiedade, que podem ser desencadeados por transições de vida e flutuações hormonais. A obra sustenta que esse estado impacta negativamente a qualidade de vida e a funcionalidade, manifestando-se em alterações de humor, retraimento social e dificuldades cognitivas.

Nessa mesma seção, a discussão sobre o esgotamento aprofunda-se na análise do *burnout* autístico. Orrú (2024) entende-o como um estado severo de incapacidade, perda de habilidades e aumento da sensibilidade a estímulos. Discute-se o risco aumentado de suicídio em pessoas autistas, conectando-o ao sofrimento gerado pela falta de aceitação e pelas comorbidades psiquiátricas não tratadas. Faz-se aqui um novo diálogo com Zener (2019), para quem o esgotamento autista representa um colapso físico e mental resultante da exposição prolongada ao estresse. Layna *et al.* (2021), por seu turno, complementam tais considerações ao associar a vulnerabilidade aumentada e o desenvolvimento de problemas de saúde mental às falhas e demoras no processo diagnóstico, que deixam meninas e mulheres com perfil autístico sem o suporte necessário.

Em *Percepções sobre sexo e sexualidade*, Orrú (2024) identifica que as particularidades sensoriais e os desafios na comunicação social influenciam sobremaneira a vivência da sexualidade em mulheres autistas. São abordadas as dificuldades no estabelecimento de relacionamentos íntimos, a literalidade na comunicação, a necessidade de rotinas e o incômodo com estímulos táteis, que podem ser interpretados erroneamente como



desinteresse ou frieza. Nesse contexto, a autora contrapõe o desejo por conexão com a preferência, em alguns casos, pela solidão como forma de evitar a exaustão social e sensorial.

Dentro da mesma temática, Orrú (2024) examina a elevada vulnerabilidade de mulheres autistas a situações de abuso e violência sexual, fundamentando sua análise em dados da Organização Mundial da Saúde (OMS). A obra desmistifica a ideia de uma assexualidade inerente, preferindo argumentar que a experiência sexual é singular e profundamente mediada pelo perfil sensorial de cada pessoa. Para certas mulheres neurodiversas, pode ser uma fonte de prazer intenso; para outras, uma experiência dolorosa ou desconfortável, o que reitera a necessidade de uma educação sexual acessível e do desenvolvimento do autoconhecimento.

Na unidade intitulada *Diversidade sexual e de gênero*, a obra investiga a intersecção entre autismo, orientações do desejo sexual e identidades de gênero não hegemônicas. Segundo Orrú (2024), estudos indicam uma maior prevalência de diversidade de gênero e de orientações como a bissexualidade e a assexualidade na população autista. A autora sugere que uma menor aderência a convenções sociais pode permitir uma exploração e uma expressão mais autênticas da própria identidade afetivo-sexual. Paralelamente, a pedagoga discorre sobre como a disforia de gênero pode interagir com as idiosincrasias sensoriais e de percepção corporal do autismo.

À medida que aprofunda na dimensão da interseccionalidade, Orrú (2024) discute o fenômeno da sobreposição da vivência de uma identidade de gênero ou orientação do desejo sexual não normativa em relação à condição autista. A precariedade de acolhimento em espaços sociais e de saúde, tanto para a condição autista quanto para as identidades não hegemônicas de gênero, é mencionada como um fator que agrava o sofrimento psíquico e o isolamento. Nessa direção, o texto postula a importância de uma abordagem clínica e social que reconheça e valide essas identidades sobrepostas.

Maternidade, maternagem e autismo, a próxima seção, faz uma relevante distinção entre o ato biológico de ser mãe (*maternidade*) e a prática afetiva do cuidado (*maternagem*). Orrú (2024) questiona a visão romantizada da maternidade e, com isso, expõe os desafios particulares enfrentados por mães autistas, incluindo a sobrecarga sensorial e a exaustão decorrentes das demandas do cuidado. Ao mesmo tempo, a autora pontua que muitas dessas mulheres relatam uma conexão intensa e empática com seus filhos. Dá-se destaque ao problema do viés de profissionais e de serviços sociais, que podem interpretar traços autistas como negligência, colocando essas mães sob risco de perder a guarda de seus filhos.



Por fim, em *Autoaceitação e amor por si mesma*, Orrú (2024) descreve o processo de aceitação pós-diagnóstico como sendo laborioso, apesar de transformador. A autora introduz o leitor à “síndrome da impostora”, um sentimento comum entre mulheres autistas tardiamente diagnosticadas, que decorre de uma vida inteira de camuflagem e esforço para se adequar a um padrão neurotípico. A luta pela autoaceitação é apresentada, então, como um caminho de desconstrução de culpas e ressignificação da própria identidade. A propósito, Zener (2019) descreve essa “jornada ao diagnóstico” como um ponto de virada, que oportuniza às mulheres atípicas reinterpretar suas histórias de vida não mais sob a ótica da falha, mas do pertencimento a uma subjetividade e a um funcionamento neuropsicológico distinto.

O trabalho de Orrú (2024) é, de fato, uma contribuição significativa para os estudos sobre o TEA, já que se dedica a normalizar as particularidades da condição em meninas e mulheres, de maneira a destacar as diferenças em sua apresentação, por meio da interseccionalidade. A autora, como visto, examina minuciosamente o diálogo de variáveis sociais, culturais e de gênero na configuração das experiências desses indivíduos, o que supera modelos teórico-clínicos tradicionais centrados no padrão masculino do TEA. *O autismo em meninas e mulheres*, com isso, amplia a compreensão das barreiras diagnósticas e das demandas específicas de suporte dessa população.

Entretanto, um ponto que pode comprometer a recepção da obra na comunidade especializada repousa na escolha da autora por fundamentar sua interpretação do autismo feminino em uma perspectiva pró-psicanalítica. Ainda que essa abordagem possa fornecer caminhos para se pensar as experiências subjetivas de meninas e mulheres autistas, é importante reconhecer que o ambiente científico contemporâneo tem valorizado cada vez mais as abordagens baseadas em evidências, as quais se apoiam em dados empíricos e verificáveis para compreender, validar e tratar o autismo e suas manifestações de interesse clínico. Essas abordagens, longe de serem “desumanizadas” ou “frias”, como muito se tem propagado, objetivam integrar a compreensão profunda das necessidades individuais dos sujeitos com intervenções eficazes e submetidas à comprovação metodologicamente sustentada, sistema ao qual o modelo psicodinâmico não se amolda (Ferreira, 2021). Logo, a ênfase na perspectiva psicanalítica, embora seja potencialmente enriquecedora em certo aspecto, pode limitar o diálogo de Orrú (2024) com investigações recentes e práticas clínicas que dão prioridade a uma base empírica consolidada.

Ainda assim, o livro estimula uma reflexão sobre a pluralidade de olhares necessários para se compreender o autismo em meninas e mulheres. Nesse caminho, nota-se como Orrú



(2024) se aproxima consistentemente de autores como Gould (2017), que aborda o sub-reconhecimento do autismo feminino, e Zener (2019), que analisa os desafios do percurso diagnóstico de mulheres de perfil autístico. Se a base pró-psicanalítica de Orrú (2024) suscita questionamentos de seus críticos teóricos, o esforço da autora em conferir visibilidade às experiências de um grupo historicamente negligenciado no discurso sobre o autismo merece ser reconhecido enquanto um avanço no campo dos estudos brasileiros sobre a neurodiversidade.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, C. M. C. Será a psicanálise uma pseudociência? Reavaliando a doutrina utilizando uma lista de multicritérios. **Debates em Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 11, p. 1-33, 2021.

GOULD, J. Towards understanding the under-recognition of girls and women on the autism spectrum. **Autism**, [s. l.], v. 21, n. 6, p. 703-705, 2017.

LAYNA, C. H. *et al.* **Recomendaciones para la detección y el diagnóstico del trastorno del espectro del autismo en niñas y mujeres**. Madrid (Espanha): Confederación Autismo España, 2021.

ORRÚ, S. E. **O autismo em meninas e mulheres: diferença e interseccionalidade**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2024.

RYNKIEWICZ, A.; JANAS-KOZIK, M.; SŁOPIENÍ, A. Girls and women with autism. **Psychiatria Polska**, Online First, [s. l.], n. 116, p. 1-16, 2018.

ZENER, D. Journey to diagnosis for women with autism. **Advances in Autism**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 2-13, 2019.

Recebido em: 28/06/2025

Aprovado em: 30/06/2025